

Quem escuta o louco? reflexões sobre a dupla exclusão de sujeitos em estrutura psicótica no Beco do Candeeiro (Cuiabá/MT)

Lívia Paz Gonçalves da Silva¹

Raquel Araujo Oliveira Silva¹

Rhayssa Oraide Vieira de Souza¹

RESUMO

O presente trabalho discute a psicose a partir da articulação entre fundamentos psicanalíticos e uma experiência de escuta em contexto de rua, tomando como eixo a noção de dupla exclusão. Parte-se da problematização de como sujeitos em estrutura psicótica, em situação de rua, vivenciam formas intensificadas de invisibilização social e fragilização do laço. O objetivo é analisar de que modo a sobreposição entre a organização subjetiva da psicose e os processos sociais de exclusão urbana incide sobre a possibilidade de reconhecimento desses sujeitos. A fundamentação teórica apoia-se nas contribuições de Freud, especialmente na distinção entre neurose e psicose e na função do delírio como tentativa de reorganização subjetiva, bem como nas releituras de Lacan acerca da constituição do sujeito no campo da linguagem e da forclusão como operador estrutural da psicose. A metodologia consiste em uma abordagem qualitativa, de caráter clínico-discursivo, baseada em relatos de experiência produzidos no contexto do projeto de extensão “Psicanálise na Rua”, desenvolvido no Beco do Candeeiro, em Cuiabá/MT. Os resultados evidenciam que sujeitos em sofrimento psíquico grave, em situação de rua, encontram-se atravessados por processos simultâneos de exclusão: de um lado, as dificuldades estruturais de sustentação do laço social; de outro, a marginalização produzida pelas dinâmicas urbanas e institucionais. A análise do caso apresentado indica que essa sobreposição intensifica a segregação e limita o acesso a espaços de escuta e cuidado. Discute-se, assim, que a escuta psicanalítica em território pode operar como prática ética e política de reconhecimento da singularidade, mesmo em contextos marcados pela precariedade. Conclui-se que a noção de dupla exclusão contribui para compreender a complexidade das experiências de sujeitos psicóticos em situação de rua, apontando para a necessidade de construção de dispositivos de escuta que tensionam as formas de invisibilização social.

Palavras-chave: Psicose, Psicanálise, Situação de rua, Exclusão social, Escuta psicanalítica.

1. INTRODUÇÃO

Desde o início da construção da psicanálise, Freud dedicou-se a compreender as diferentes formas de sofrimento psíquico, buscando identificar seus mecanismos e sua lógica própria. Embora seus primeiros estudos tenham se concentrado nas neuroses, ampliou

¹ Alunas da graduação em Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso, disciplina de Estágio Básico IV: Psicanálise na Rua. E-mails: livia.silva2@sou.ufmt.br; raquel.silva6@sou.ufmt.br; rhayssa.souza@sou.ufmt.br.

progressivamente seu campo de investigação para incluir também as psicoses, interrogando como esses quadros se estruturam e quais são suas especificidades. Em textos da década de 1920, como *Neurose e psicose* (1924) e *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), Freud propõe uma distinção entre essas formas clínicas, indicando que a diferença não está apenas nos sintomas, mas na maneira como o sujeito se relaciona com a realidade e com o mundo externo (Freud, 1924 apud Von Atzingen, 2009).

Enquanto a neurose se organiza em torno do recalque, a psicose é descrita como marcada por um modo particular de lidar com a realidade, no qual certos elementos não são integrados da mesma forma que na estrutura neurótica. Ao analisar o caso Schreber (Freud, 1913), Freud observa que o delírio pode funcionar como uma tentativa de reconstrução, isto é, como um esforço do sujeito para restabelecer alguma coerência diante de uma ruptura na relação com a realidade. Assim, a psicose não deve ser entendida apenas como perda da realidade, mas como uma forma singular de reorganização da experiência.

Posteriormente, as contribuições de Lacan aprofundam essa compreensão ao reler Freud a partir da centralidade da linguagem. Como destaca Von Atzingen (2009), o sujeito se constitui no campo da linguagem, sendo o simbólico o registro que organiza as relações com o Outro e com a realidade. Nessa perspectiva, a psicose passa a ser concebida como uma estrutura clínica, marcada por uma relação particular com esse campo, não sendo compreendida como um déficit, mas como uma forma distinta de organização do sujeito e de seu modo de estar no mundo.

Se a psicose implica uma relação singular com a linguagem e com o laço social, torna-se fundamental considerar como essa estrutura se articula às condições sociais concretas. Nas cidades contemporâneas, a situação de rua se configura como uma das expressões mais contundentes de exclusão, marcada pela precarização das condições de vida, pelo rompimento de vínculos e pela fragilidade das políticas públicas. Para sujeitos em sofrimento psíquico grave, essa condição pode intensificar a vulnerabilidade e reduzir as possibilidades de reconhecimento e cuidado.

Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão: de que modo a articulação entre a estrutura psicótica e as condições de exclusão urbana incide sobre as possibilidades de reconhecimento e sustentação do laço social desses sujeitos? É nesse ponto que se insere a noção de dupla exclusão, eixo central deste trabalho. Parte-se da hipótese de que sujeitos em estrutura psicótica que vivenciam a situação de rua estão atravessados por duas dimensões que se sobrepõem. A primeira refere-se às dificuldades relacionadas à sustentação do laço social, especialmente quando não há espaços que acolham sua singularidade. A segunda diz respeito

aos processos sociais que produzem e mantêm a exclusão urbana, gerando invisibilização e afastamento das redes institucionais. A articulação entre essas duas dimensões tende a intensificar processos de segregação, colocando esses sujeitos em uma posição de extrema vulnerabilidade.

As reflexões aqui apresentadas partem de uma experiência situada, desenvolvida na disciplina de Estágio Básico IV do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, no projeto Psicanálise na Rua, realizado no Beco do Candeeiro, em Cuiabá/MT. O desenvolvimento do trabalho articula os aportes teóricos da psicanálise com a experiência de escuta em contexto de rua, a fim de problematizar a noção de dupla exclusão e seus efeitos sobre o sujeito psicótico.

2. OBJETIVOS

Analisar de que modo a articulação entre a estrutura psicótica e as condições de exclusão urbana incide sobre as possibilidades de reconhecimento e sustentação do laço social de sujeitos em situação de rua, a partir de uma experiência de escuta em território.

3. METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia, este trabalho se apoia na escuta clínica psicanalítica realizada ao longo do estágio em campo, tomando o relato de caso como forma de organizar e refletir sobre a experiência vivida. A análise foi construída a partir dos encontros, em diálogo com os referenciais da psicanálise, preservando a singularidade do sujeito. A condução dos encontros esteve orientada pela atenção flutuante, tal como formulada por Freud em “Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise” (1913). Isso implicou sustentar uma escuta aberta ao que emerge, sem buscar conduzir a fala ou encaixá-la em categorias prévias. Trata-se de uma posição ética que exige disponibilidade para o inesperado, respeito ao tempo do sujeito e cuidado para não antecipar sentidos, permitindo que o vínculo transferencial pudesse se constituir no próprio processo.

4. RESULTADOS

As reflexões sobre psicose, exclusão social e laço foram desenvolvidas a partir da experiência vivenciada no campo de estágio, especialmente por meio do encontro com sujeitos em situação de rua. Nesse contexto, Severino (nome fictício) é um homem de aproximadamente sessenta anos que esteve presente em alguns dos encontros realizados no Beco do Candeeiro, em Cuiabá/MT, no âmbito das atividades desenvolvidas no projeto

Psicanálise na Rua. Desde o primeiro contato, Severino se aproximou de uma das estagiárias, dispondo-se a falar sobre sua história de vida e estabelecendo um vínculo marcado pela fala contínua.

A condução dos encontros orientou-se pela atenção flutuante, conforme formulada por Sigmund Freud, sustentando uma escuta aberta ao que emergia, sem direcionamento prévio da fala do sujeito, respeitando seu tempo e evitando a antecipação de sentidos. Nesse processo, o vínculo transferencial foi se constituindo ao longo dos encontros.

Os relatos de Severino envolviam referências à família, aos lugares onde teria vivido e às pessoas com quem teria convivido; no entanto, esses discursos se modificavam de um encontro para outro, ou até mesmo ao longo de uma mesma conversa, sem a sustentação de uma narrativa estável. Esse aspecto evidencia um modo singular de organização subjetiva, no qual a linearidade narrativa se apresenta fragilizada.

Severino se colocava de forma distante das demais pessoas em situação de rua, afirmando não manter laços de amizade com elas. Em contrapartida, dizia ser amigo de policiais, atribuindo a si uma posição de proximidade e autoridade em relação às forças de segurança. Durante os encontros, outras pessoas que frequentavam o local frequentemente advertiam o grupo a “não dar bola”, referindo-se à falta de linearidade e coerência em seu discurso. Tal movimento evidencia dificuldades na sustentação do laço social, ao mesmo tempo em que revela processos de exclusão operando no próprio território.

Seus relatos frequentemente se organizavam de forma delirante, envolvendo vínculos amorosos ou de parentesco com pessoas socialmente reconhecidas. Como exemplo, afirmou ser neto do ex-presidente Getúlio Vargas e padraсто da cantora Ana Castela. Nesse sentido, o delírio pode ser compreendido não apenas como afastamento da realidade, mas como uma tentativa de reorganização subjetiva, conforme apontado por Freud, na medida em que busca conferir algum sentido à experiência vivida.

Um aspecto que se destaca diz respeito à figura materna. Ao falar de sua mãe, Severino apresentava intensa afetação emocional, chegando às lágrimas, sem que essa figura fosse inserida em construções fantasiosas, aparecendo como um ponto de enunciação marcado pelo sofrimento. Esse elemento sugere a existência de núcleos de afetação que escapam à lógica delirante.

A análise desses elementos permite compreender que a experiência de Severino não se reduz a uma dimensão individual, mas se inscreve na articulação entre estrutura psíquica e condições sociais. Sob o viés psicanalítico, a psicose pode ser compreendida, a partir de

Lacan, como marcada pela forclusão, isto é, pela rejeição de um significante fundamental que compromete a inscrição do sujeito no campo simbólico e, conseqüentemente, no laço social.

A noção de dupla exclusão, eixo central deste trabalho, permite compreender a sobreposição entre os impasses estruturais da psicose e os processos sociais que produzem exclusão urbana. De um lado, encontram-se as dificuldades relacionadas à sustentação do laço social; de outro, as dinâmicas sociais que produzem invisibilização e afastamento das redes institucionais. No contexto da rua, essa articulação torna-se ainda mais evidente, uma vez que a segregação se manifesta tanto nas relações institucionais quanto nas interações cotidianas, inclusive entre sujeitos que compartilham a experiência de marginalização.

Além disso, é necessário considerar que a exclusão não se limita ao espaço público. No ambiente familiar, fatores como a precariedade das redes de apoio, a ausência de políticas públicas efetivas e a sobrecarga do cuidado contribuem para a reprodução de dinâmicas de afastamento e rejeição. Ainda que não haja elementos suficientes para reconstruir a trajetória familiar de Severino, ele não se encontra alheio a essas determinações sociais.

Nesse cenário, a escuta psicanalítica em território se sustenta como uma possibilidade ética e política, ao afirmar a singularidade do sujeito frente às múltiplas formas de exclusão e tensionar as dinâmicas de invisibilização que incidem sobre ele.

5. CONCLUSÃO

A análise do caso de Severino evidencia como a articulação entre estrutura psicótica e exclusão social produz efeitos que ultrapassam o âmbito individual, configurando uma condição de extrema vulnerabilidade. Sua fala, marcada por deslocamentos, construções delirantes e pontos de intensa afetação, revela não apenas um modo singular de organização subjetiva, mas também as dificuldades de sustentação do laço social em contextos atravessados pela precariedade e pelo estigma. Ao mesmo tempo, as reações do entorno, tanto no espaço da rua quanto nas advertências daqueles que compartilham esse território, tornam visível a permanência de uma lógica segregadora que incide de maneira reiterada sobre o sujeito psicótico.

A reflexão acerca da dupla negação, no contexto pessoal e no espaço público, permite compreender que a exclusão não se limita à dimensão intrapsíquica, mas é produzida e reforçada por condições históricas, econômicas e institucionais que fragilizam as redes de cuidado e intensificam o isolamento. A ausência de políticas públicas efetivas que conseguem alcançar os indivíduos que possuem essa especificidade, o desamparo das famílias e a

estigmatização da loucura compõem um cenário no qual o sofrimento psíquico grave tende a ser silenciado ou expulso dos espaços de reconhecimento social.

Nesse contexto, a experiência de escuta em território apresenta-se como um gesto ético e político. Ao sustentar a palavra do sujeito para além do juízo de coerência ou adequação social, a psicanálise afirma a possibilidade de reconhecimento da singularidade mesmo em cenários marcados pela exclusão. Assim, mais do que oferecer respostas totalizantes, o trabalho realizado aponta para a importância de construir espaços onde o sujeito psicótico possa ser escutado como tal, abrindo brechas no circuito da segregação e tensionando as formas cristalizadas de invisibilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Joyce M. Gonçalves. Uma reflexão sobre a psicose na teoria freudiana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 86-94, 1998.

FREUD, Sigmund. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12).

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

VON ATZINGEN, Ana Cristina Rodrigues. *A constituição psíquica da psicose em Freud e Lacan: considerações sobre a esquizofrenia e a paranóia*. 2009. Monografia (Especialização em Psicanálise e Linguagem: uma outra psicopatologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.